

A maldição da deusa: homossexualidade masculina na Wicca e suas releituras contemporâneas

The curse of the goddess: homosexuality in Wicca and its contemporary reinterpretations

*Flávio Lopes Arantes*¹

Resumo

Este artigo investiga o discurso anti-homossexual presente nos escritos fundacionais da Wicca britânica e suas releituras contemporâneas à luz das demandas por inclusão da diversidade sexual e de gênero. A partir de uma abordagem qualitativa, o estudo analisa textos êmicos de *insiders* britânicos e norte-americanos, mapeando as estratégias teológicas e simbólicas utilizadas para reconfigurar a polaridade ritual tradicionalmente binária. O artigo argumenta que a ambiguidade original da tradição, ao mesmo tempo ritualisticamente inovadora e moralmente conservadora, permitiu a emergência de diferentes formas de autoridade carismática: dissidente, hermenêutica e reformadora. Conclui-se que a vitalidade da Wicca tradicional está em sua capacidade de dialogar com as pautas éticas atuais, reelaborando seus fundamentos simbólicos sem romper, necessariamente, com sua linhagem iniciática.

Palavras-chave: Wicca; homossexualidade; neopaganismo; Gerald Gardner; autoridade carismática; diversidade sexual.

Abstract

This article investigates the anti-homosexual discourse found in the foundational texts of British Wicca and its contemporary reinterpretations in response to calls for gender and sexual diversity inclusion. Using a qualitative approach, it analyzes emic texts from British and American insiders, mapping the theological and symbolic strategies employed to reconfigure the traditionally binary ritual polarity. The article argues that the original ambiguity of the tradition, ritually innovative yet morally conservative, enabled the emergence of distinct forms of charismatic authority: dissident, hermeneutic, and reformist. It concludes that the vitality of contemporary traditional Wicca lies in its ability to engage with current ethical debates,

¹ Mestre em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil. Bolsista CAPES. ORCID: 0009-0004-5860-6416. E-mail: flavio.ensino@gmail.com.

reshaping its symbolic foundations without necessarily abandoning its initiatory lineage.

Keywords: Wicca; homosexuality; neopaganism; Gerald Gardner; charismatic authority; sexual diversity.

Introdução

O termo *neopaganismo* designa um conjunto diverso de novos movimentos religiosos surgidos no século XX, voltados ao resgate da veneração a divindades pré-cristãs, sobretudo da Europa, mas também de outras regiões, como o Oriente Próximo, Norte da África e tradições indígenas africanas e ameríndias (Magliocco, 2012, p. 150). Inspirados em sistemas religiosos antigos, como os celtas, germânicos, egípcios, greco-romanos, esses movimentos compartilham uma religiosidade politeísta, imanente e ritualística, com ênfase na experiência religiosa em detrimento de doutrinas fixas.

Embora algumas vertentes tenham estruturas iniciáticas e hierarquias internas, o neopaganismo tende à descentralização, admitindo praticantes solitários e a constante formação de novos grupos autônomos, como covens ou círculos. A ausência de autoridade central e a valorização da experiência pessoal resultam em um campo plural e eclético. Estudos como os de Floyd (2017) e Kraemer (2012) indicam que o neopaganismo atrai um número expressivo de pessoas LGBTQIA+, dada sua recusa em categorizar o desejo como pecado e sua ética ritualista centrada no prazer, na corporeidade e na expressão individual. Essa abertura se manifesta em práticas que acolhem relações não monogâmicas, rituais homoeróticos e representações não binárias do divino (Kraemer, 2012; Enberg, 2010). Há grupos voltados a homens gays, cultos devocionais lésbicos e ampla presença de praticantes queer, mesmo em tradições sem ênfase direta nessa temática (Rocha e Oliveira, 2017, pp. 121-122).

No entanto, essa aparente inclusividade convive com tensões simbólicas e disputas sobre gênero e sexualidade. Muitas tradições neopagãs, mesmo receptivas à diversidade, mantêm esquemas rituais fundados na complementaridade binária entre homem e mulher, herança direta da Wicca

gardneriana. Como observam Hedenborg-White e Tollefsen (2013, p. 8), a Wicca tradicional naturaliza a polaridade entre os sexos como modelo simbólico central, sustentando mitos de fertilidade baseados na união sexual de uma deusa e um deus. Essa estrutura ontológica dual, concebida por Gerald Gardner na Inglaterra do pós-guerra, permanece influente na organização dos rituais e na definição dos papéis cerimoniais, consolidando uma matriz simbólica cisheteronormativa.

Apesar de sua centralidade no neopaganismo contemporâneo, a Wicca tradicional inglesa traz, desde seus escritos fundacionais, um discurso ambíguo e por vezes excludente quanto à homossexualidade. A partir da década de 1960, vertentes derivadas, especialmente nos Estados Unidos, passaram a reinterpretar ou rejeitar esse arcabouço simbólico e, mesmo dentro da Wicca gardneriana, ainda ativa e fiel à linhagem iniciática de seu fundador, o tema gerou debates e disputas. Gerald Gardner expressou repetidamente posições anti-homossexuais², associando o desejo entre homens não só a desvios morais, mas à ineficácia ritual e à ira da deusa, sacralizando, assim, a heteronormatividade no item 2. Paradoxalmente, o neopaganismo, nas últimas décadas, tornou-se um espaço simbólico acolhedor à diversidade sexual e de gênero. Isso levanta a questão central deste artigo: como essa abertura impactou internamente a tradição gardneriana?

Buscamos compreender como o contexto jurídico e cultural anti-homossexual da Inglaterra moldou o simbolismo fundacional da Wicca, e de que modo esse legado vem sendo ressignificado por iniciados contemporâneos. Por meio da análise de textos êmicos de praticantes britânicos, examinamos estratégias teológicas, litúrgicas e discursivas voltadas à inclusão de gays, lésbicas, pessoas trans e não binárias. Argumentamos que tais rearticulações revelam tanto a plasticidade da tradição diante dos desafios ético-políticos atuais

² Utilizamos o termo anti-homossexualidade no sentido proposto por Mott (2015), por refletir mecanismos sociais e jurídicos de exclusão anteriores à psicologização da homofobia.

quanto os conflitos simbólicos gerados pela tentativa de conciliar continuidade iniciática e transformação ética.

O discurso anti-homossexual na fundação da Wicca

Gerald Brosseau Gardner (1884–1964) é amplamente reconhecido como o fundador da Wicca, tradição religiosa que emergiu no contexto britânico do pós-guerra e que daria origem à maioria das vertentes do neopaganismo contemporâneo. Embora haja controvérsias acadêmicas quanto à historicidade de suas alegações sobre a sobrevivência de uma antiga religião de bruxas pré-cristã, ou mesmo sobre o relato de sua própria iniciação em um coven de bruxas em New Forest, há relativo consenso de que Gardner foi o primeiro a sistematizar e publicizar uma forma estruturada e iniciática de culto neopagão, com narrativa mítica própria, práticas ritualísticas regulares e uma comunidade estruturada de praticantes. Suas últimas publicações – *A Bruxaria Hoje*, de 1954, e *O Significado da Bruxaria*, de 1959 – apresentam a Wicca como herdeira direta de uma religião milenar originária das Ilhas Britânicas, cuja linhagem teria sobrevivido clandestinamente até os tempos modernos. Embora essa narrativa tenha sido amplamente contestada por historiadores como Ronald Hutton, ela desempenhou papel central na legitimação simbólica e identitária da religião nascente, e está diretamente relacionada, como demonstraremos, ao discurso anti-homossexual de Gardner nessas mesmas obras.

Podemos iniciar essa análise a partir do relato de uma das mais importantes iniciadas de Gardner: Lois Bourne. Em uma de suas autobiografias, *Dançando com feiticeiras* (2000), ela relata seu envolvimento com Gardner e a Wicca, dando diversos detalhes sobre suas experiências como bruxa. Ao longo da obra, ela tece enfaticamente uma imagem positiva sobre a figura de seu iniciador, mas relata ao fim do terceiro capítulo:

Nunca o vi ficar zangado ou perder a calma. Apenas uma vez ele expressou uma opinião com veemência, de uma maneira que não admitia contestação, pois era profundamente sentida. Gerald era

homofóbico. Detestava e sentia um ódio profundo ao homossexualismo, que considerava uma perversão repulsiva e uma flagrante violação da lei natural, negando a força da vida e o fator de fertilidade representados pelo Deus e a Deusa. O assunto surgiu durante uma conversa com Jack Bracelin, envolvendo um conhecido de Jack que manifestara interesse pelo coven. Gerald quase gritou: “Não há feiticeiros homossexuais. Não é possível ser homossexual e feiticeiro.” Ninguém o contestou. É verdade que jamais conheci ou reconheci qualquer feiticeiro homossexual pela aura que todos os feiticeiros possuem, permitindo que identifiquem uns aos outros. Portanto, Gerald provavelmente estava correto (Bourne, 2000, p. 42-43).

O sistema religioso apresentado por Gardner está organizado ao redor de um substrato mitológico basal centrado duas figuras: uma deusa da fertilidade, associada aos nascimentos e que governa a natureza, e um deus cornífero fertilizador, que reina sobre o mundo dos mortos. É a partir do amor entre essas duas deidades, bem como de sua interação sexual, que todas as coisas são criadas e o ciclo de nascimento, amor, morte e renascimento se sucede. Gardner (2003, p. 41) afirma que, para os bruxos, esse mito tem a mesma importância da narrativa da crucificação para o cristianismo, demonstrando seu caráter central. Somado a isso, em termos teológicos, ele propôs que “o Deus e a Deusa são o Masculino e o Feminino, a Direita e a Esquerda, os Dois Pilares que sustentam o Universo” (Gardner, 2004, p. 129), e a estrutura prática de seu sistema estabelece homens como representantes do deus masculino, ao passo que as mulheres são representantes da deusa feminina. Já no aspecto prático cerimonial, ele afirmou que “Para formar sua bateria de vontades, inteligências masculinas e femininas são necessárias em pares” (Gardner, 2003, p. 31). Isso demonstra um sistema profundamente binário, enraizado em uma noção heteronormativa de um casal divino, que deve refletir entre humanos a “lei natural” da heterossexualidade, como demonstra o comentário de Bourne citado acima.

O ponto máximo da sacralização da heterossexualidade se dá na terceira e última iniciação do sistema, chamada de Grande Rito. Como demonstra Urban (2019, p. 31), essa é uma cerimônia na qual os celebrantes, um homem e uma

mulher, identificam-se respectivamente com as deidades masculina e feminina para consumir o seu amor em um ato sexual. Originalmente, isso se dava sempre de maneira literal, mas como relata Lamond (2004), outro iniciado do coven de Gardner, em determinado momento criou-se uma versão alternativa e simbólica do rito, onde a união era encenada com a inserção da lâmina de uma adaga (chamada athame) dentro de um cálice de vinho.

É interessante notar que a ênfase no trabalho entre homem e mulher como central à prática da bruxaria não é exclusivo de Gardner, e também aparece em dois de seus principais opositores europeus: Robert Cochrane (Jones e Valiente, 1992) e Charles Cardell (Seims, 2022) que, além de disputarem legitimidade histórica de seus próprios sistemas como mais autênticos e antigos que aquele de Gardner, produziram discursos explicitamente críticos a ele e aos gardnerianos em geral. Nestes dois outros sistemas de bruxaria moderna, grande ênfase também se dá ao trabalho entre homens e mulheres, havendo diversas atribuições simbólicas a cada gênero em particular, o que demonstra um entendimento comum à época sobre a relação entre a noção de bruxaria vigente e o conceito de polaridades de gênero. Entretanto, o discurso de Gardner diferencia-se destes outros por seu caráter notadamente aversivo à homossexualidade masculina (como já enunciou o relato de Bourne). Isso se torna explícito em seu livro *A bruxaria hoje*, onde Gardner afirma que a queda dos templários se deu pela chamada *maldição da deusa*. Segundo ele, quando bruxos trabalham em casal,

acreditam que durante a prática eles gostam um do outro. Algumas vezes é indesejável que eles possam apaixonar-se. As bruxas têm métodos com os quais tentam evitá-lo, mas nem sempre têm sucesso. Por essas razões, segundo elas, a deusa proibiu estritamente um homem ser iniciado ou trabalhar com outro homem, ou uma mulher ser iniciada ou trabalhar com outra mulher, sendo as únicas exceções um pai que inicia o filho e a mãe, a filha, como dito acima; e a maldição da deusa pode cair sobre aquele que quebrar essa lei. Elas acham que os Templários quebraram essa lei e trabalharam com magia, homem com homem, sem saber o modo de evitar o amor; e eles pecaram e a maldição da deusa caiu sobre eles (Gardner, 2003, p. 74).

O trecho anterior é o único em que parece haver uma represália também à homossexualidade feminina. Como nota Terzetti-Filho (2012, p. 102), há momentos em que as tendências naturistas e feministas de Gardner se unem em seu discurso; isso produz, inclusive, mais uma crítica à homossexualidade masculina, sugerindo que o controle social das roupas femininas, que escondem seu corpo, o que afasta os homens dos interesses aceitáveis: “as garotas devem se esforçar ao máximo para parecer garotos. ‘Viva a homossexualidade!’ é o grito. Contanto que possamos manter as mentes dos homens afastadas de qualquer coisa doce e amável!” (Gardner, 2004, p. 130).

Apesar de um sistema fundado em um basilar binarismo, Gardner permite a flexibilidade de papéis de gênero para a mulher, mas veta-o explicitamente para os homens. No mesmo livro, Gardner (2003, p. 44) afirma também que, na falta de um homem do grau iniciático apropriado para desempenhar sua função em um ritual, uma mulher poderá fazê-lo, desde que vista uma espada na cintura, e então “é vista como um homem para a ocasião. Mas embora a mulher possa ocasionalmente tomar o lugar do homem, o homem nunca pode tomar o lugar da mulher”. Como viemos afirmando, isso demonstra uma preocupação normativa específica com a homossexualidade masculina e a performance dos homens dentro de seu sistema.

Sugerimos que essa rigidez simbólica e prática no trato da masculinidade dentro do sistema gardneriano não pode ser compreendida apenas como idiosincrasia pessoal de seu fundador. Como veremos na seção seguinte, ela reflete valores normativos mais amplos da sociedade britânica do século XX, especialmente no que tange à repressão das dissidências sexuais e à valorização da heterossexualidade como pilar da ordem social e nacional.

Localizando Gardner: Inglaterra, nacionalismo e repressão homoerótica

Para essa discussão, é preciso resgatar o aspecto nacionalista do empreendimento gardneriano. A escolha de Gardner por apresentar a Wicca como um resgate das raízes religiosas pré-cristãs da Inglaterra deve ser compreendida à luz do espírito de sua época. Como apontado por Hutton (2019), esse retorno a temas religiosos pré-cristãos foi amplamente mobilizado, entre os séculos XIX e XX, como parte de projetos de reconstrução simbólica das identidades nacionais na Europa. Em um cenário pós-imperial e profundamente marcado pelas cicatrizes da Segunda Guerra Mundial, o resgate de um passado idealizado, anterior ao advento do cristianismo e à modernidade secularizante, oferecia não apenas uma alternativa religiosa, mas também uma forma de reafirmação cultural. No caso de Gardner, esse projeto religioso nacionalista se entrelaçou com um conjunto de valores socioculturais dominantes, incluindo a valorização da heterossexualidade como ideal civilizatório e a rejeição pública das dissidências sexuais. Assim, a Wicca gardneriana, ao se apresentar como uma religião “genuinamente britânica”, não apenas evocava a memória mítica da terra e de seus deuses nativos (Gardner, 2004, p. 270), mas também reproduzia, em seu discurso fundacional, estruturas simbólicas que excluía sujeitos considerados desviantes da norma sexual e moral. Essa dimensão nacionalista é, portanto, fundamental para se compreender tanto a estrutura simbólica da religião quanto as inflexões anti-homossexuais de seu discurso.

Por um lado, sua ênfase no casal divino formado por um deus caçador e uma deusa mãe da fertilidade, bem como na complementaridade entre os sexos como fundamento básico das cerimônias de seu sistema, refletem certos ideais normativos da masculinidade, da fertilidade e da heterossexualidade que ecoam o tradicionalismo inglês. Por outro lado, a proposta de práticas como a nudez ritual, algo provocador em um país marcado pelo moralismo vitoriano, revela uma dimensão contracultural igualmente significativa, alinhada aos círculos naturistas dos quais o próprio Gardner participava. Assim, mesmo em seus aspectos mais aparentemente transgressores, a Wicca demonstra significativamente enraizada em debates culturais contemporâneos à sua origem,

oscilando entre a reafirmação de certos discursos nacionalistas e a experimentação de visões alternativas de corpo, sexualidade e religiosidade.

É neste sentido que se torna fundamental examinar não apenas a biografia de Gardner, mas o ambiente cultural em que sua religião foi concebida; para as finalidades desse artigo, essa investigação deve contemplar especialmente o que tange às representações da homossexualidade e da masculinidade dentro da sociedade britânica do século XX, já que é especificamente contra práticas homossexuais masculinas que o discurso de Gardner aparecerá principalmente marcado, como demonstraremos.

A Inglaterra em que Gardner nasceu e viveu seus primeiros anos, e para onde retornou e consolidou seu novo movimento religioso, era marcada por uma longa tradição de criminalização e repressão da homossexualidade masculina. Desde o *Buggery Act* de 1533, promulgado durante o reinado de Henrique VIII, a sodomia era considerada crime capital. Embora a pena de morte tenha sido posteriormente abolida, o comportamento homossexual entre homens permaneceu punível por lei (Crompton, 2003, p. 362). Com a promulgação do *Offences Against the Person Act* de 1861, a pena foi reduzida para prisão com trabalhos forçados, mas o estigma social se intensificou. A repressão atingiu seu auge no final do século XIX com a introdução do *Labouchere Amendment* em 1885, que criminalizava qualquer “ato indecente” entre homens, mesmo na esfera privada, em uma formulação legal deliberadamente vaga que permitia perseguições amplas e arbitrárias (Norton, 1997, p. 141).

Um dos episódios mais emblemáticos da repressão à homossexualidade nesse período foi o julgamento e a condenação do escritor Oscar Wilde, em 1895 (Norton, 1997, p. 26). Acusado com base no *Labouchere Amendment* por atos de “indecência grave” com homens mais jovens, Wilde foi sentenciado a dois anos de prisão com trabalhos forçados, o que devastou sua reputação, sua saúde e sua carreira. O caso tornou-se símbolo do poder destrutivo da anti-homossexualidade institucionalizada e revelou como a legislação britânica podia ser mobilizada não apenas para punir atos sexuais, mas para aniquilar

publicamente subjetividades dissidentes. A perseguição de Wilde não apenas cristalizou o medo social da homossexualidade como ameaça moral e nacional, como também projetou uma imagem de fragilidade e perigo associada ao homem homossexual, reforçando ainda mais a exclusão simbólica de tudo que escapasse ao ideal de masculinidade vitoriana.

Esse clima de repressão não se limitava à letra da lei, mas se desdobrava em um imaginário público de pânico moral, que frequentemente associava a homossexualidade masculina a práticas ocultistas, degeneração espiritual e ameaça à estabilidade social. Como relata Ronald Hutton (2019), mesmo figuras públicas de prestígio, como o ex-policial Robert Fabian, utilizaram suas memórias para associar a homossexualidade ao satanismo e à criminalidade sexual, sustentando a ideia de que homens gays eram predispostos a rituais obscenos, orgias e cultos secretos nas áreas abastadas de Londres. Tais alegações, embora sem base empírica sólida, ganhavam força ao serem pronunciadas por vozes com autoridade institucional, contribuindo para reforçar a disposição cultural vigente.

Essa normatividade sexual foi parte de um projeto político e cultural mais amplo de disciplinamento dos corpos masculinos em consonância com ideais vitorianos de respeitabilidade, pureza moral e imperialismo civilizatório, como destaca Weeks (2012). Tais valores foram sistematicamente exportados para as colônias britânicas, fazendo da anti-homossexualidade legal um instrumento de dominação cultural. Além disso, o colonialismo britânico não apenas impôs leis contra a homossexualidade em diversos países do sul global, mas também moldou os discursos locais sobre sexualidade por meio de uma moral cristã vitoriana travestida de civilização.

Conforme constata a pesquisa de Terzetti-Filho (2012), apesar de ter passado grande parte de sua vida adulta fora da Inglaterra, Gardner viveu quase exclusivamente em colônias britânicas, como Ceilão (atual Sri Lanka), Bornéu, Cingapura e Malásia, onde atuou como funcionário público. Esses territórios eram marcados pelo projeto colonial inglês, o qual impunha normas legais e

morais originadas da metrópole, incluindo a repressão institucional à homossexualidade masculina. A legislação vigente nesses lugares criminalizava práticas homoeróticas e sustentava uma moral sexual vitoriana fortemente heteronormativa, reforçada por discursos de civilização, pureza e masculinidade imperial. Ademais, Gardner manteve-se imerso em ambientes britânicos e eurocêntricos no interior dessas colônias, como clubes maçônicos, círculos esotéricos e redes de sociabilidade colonial, ou seja, todos ambientes marcados pelo ethos da elite britânica. Assim, sua formação pessoal, profissional e religiosa não apenas se deu principalmente sob os valores da Inglaterra, como também contribuiu para sua perpetuação. Isso justifica plenamente que sua visão sobre sexualidade, em especial a rejeição da homossexualidade masculina, deva ser lida como expressão do discurso cultural hegemônico que moldava sua subjetividade.

Nesse contexto, compreende-se que o discurso de Gardner intensamente crítico à homossexualidade masculina, somado ao seu interesse em estabelecer um movimento religioso de propostas nacionalistas, não é produto isolado de suas crenças pessoais, mas reflexo de um ethos social profundamente anti-homossexual. Gardner cresceu em um ambiente marcado pela valorização da masculinidade inglesa tradicional, pela repressão do desejo homoerótico e pela associação entre virilidade, fertilidade e poder.

Com formação colonial e trânsito entre diferentes culturas, Gardner retorna à Inglaterra ao se aposentar, inserindo-se em um ambiente onde o ocultismo era tanto expressão de sociabilidades aristocráticas quanto terreno de experimentações alternativas, abertas a novas formas de religiosidade. Assim, a Wicca pode ser compreendida como um produto híbrido, que tanto incorpora elementos típicos do milieu intelectual e cultural das ordens ocultistas de sua época, como traduz o desejo de restaurar uma religiosidade tida como autêntica, conectada à terra, ao corpo e aos ciclos naturais, resgatando um passado romântico de integração com a natureza. Como demonstra Hutton (2019), o milieu esotérico no qual a Wicca se desenvolveu era marcado por proponentes

de ambas as posições: por um lado, indivíduos como Alesteir Crowley, declaradamente bissexual e, de outro, pessoas como Dion Fortune, que encarava a homossexualidade como uma perversão freudiana.

A Wicca fundada por Gerald Gardner exemplifica a tensão weberiana entre inovação carismática e adaptação estratégica, comum a movimentos religiosos emergentes. Como analisa Weber (1999), líderes carismáticos, como Gardner, promovem rupturas com a ordem estabelecida, mas sua sobrevivência depende da capacidade de negociar com as estruturas de poder vigentes. No caso da Wicca, essa negociação assumiu um caráter paradoxal: se por um lado Gardner incorporava práticas transgressoras (como o naturismo e a sacralização do corpo feminino), por outro, alinhava-se a valores conservadores da Inglaterra pós-Vitoriana, como a heteronormatividade e a condenação da homossexualidade masculina. Movimentos religiosos frequentemente adaptam-se a valores hegemônicos para garantir espaço de atuação, mesmo quando contestam outros aspectos da ordem estabelecida, sugerindo que tal ambiguidade decorre de uma estratégia deliberada de legitimação externa. Em um contexto em que a homossexualidade masculina era criminalizada, a rejeição de Gardner a práticas homoeróticas evitava associar a Wicca a tabus que poderiam inviabilizá-la social e legalmente.

Assim, a Wicca gardneriana ilustra como novas religiões podem operar em duplo registro: transgressoras em espaços ritualísticos privados (nudez, magia sexual), mas conformistas em discursos públicos, especialmente quando confrontadas com tabus sociais intransponíveis em seu tempo. O discurso anti-homossexual de Gardner, portanto, reflete tanto uma convicção pessoal absoluta quanto um cálculo pragmático inserido nas contradições de um movimento que buscava, simultaneamente, inovar e ser viável.

Wicca inglesa pós-Gardner e a diversidade sexual

A morte de Gerald Gardner em 1964 marcou um ponto de inflexão importante para a Wicca iniciática. Até aquele momento, a religião fundada por

ele havia se expandido com relativa coesão, estabelecendo covens em diferentes regiões da Inglaterra e na Escócia, conquistando adeptos por meio de uma rede iniciática ainda bastante restrita e controlada. Contudo, com o falecimento de sua figura fundadora, a Wicca entrou em uma nova fase: a transição de um carisma profético fundacional para formas mais institucionalizadas e múltiplas de autoridade religiosa.

Inspirados pelo conceito de rotinização do carisma de Max Weber (1999), é possível compreender esse momento como a passagem da autoridade carismática centrada na figura de Gardner, um profeta que apresentava a Wicca como herdeira moderna de um saber antigo, para formas de liderança nas quais o carisma passa a ser reconfigurado e negociado por seus sucessores. Um dos exemplos mais expressivos desse processo foi Orrell Alexander Carter (1926–1988), popularmente conhecido como Alex Sanders, personalidade que despontou como liderança carismática central da Wicca inglesa no período pós-Gardner.

Inicialmente, o trabalho de Sanders não se configurava como um sistema distinto daquele estabelecido por Gardner, mas disputas internas por legitimação fizeram com que os grupos que descendiam de ambas as figuras carismáticas passassem a se identificar como membros de tradições distintas: agora, havia os gardnerianos e os alexandrinos. Apesar de tais disputas, o conteúdo litúrgico dos grupos, especialmente seu manual litúrgico, o Livro das Sombras, permanecia essencialmente o mesmo, reforçando o vínculo estrutural entre ambas as tradições. A principal diferença entre elas não estava, portanto, em termos de doutrina ou prática, mas na postura pública e nas ênfases de liderança (Hanegraaff, 1996, p. 88).

Duas inovações de Sanders, no entanto, têm especial relevância para este artigo. Em primeiro lugar, ele rompeu com a hostilidade explícita à homossexualidade que marcava os textos de Gardner e abriu espaço para a participação de homens homossexuais e bissexuais em seus covens, tanto como iniciados quanto como líderes. Como relata Ronald Hutton (2019), Sanders, ele

próprio bissexual, contribuiu significativamente para tornar a Wicca mais acessível a homens não heterossexuais, mitigando a rigidez heteronormativa implícita na ênfase gardneriana na polaridade de gênero. Em segundo lugar, ele contribuiu para a expansão da Wicca para além do território britânico, iniciando praticantes no continente europeu e estabelecendo os fundamentos para o desenvolvimento da religião em múltiplos contextos culturais.

Essas contribuições sinalizam uma transição simbólica no interior da Wicca: a partir de Sanders, a tradição iniciática passou a ser reinterpretada de maneira mais plural, abrindo margem para adaptações que, ainda respeitando a estrutura litúrgica herdada, reformulavam suas práticas e discursos à luz de valores contemporâneos. A consolidação institucional da Wicca não significou, portanto, um congelamento de seus discursos fundacionais, mas a emergência de divergências internas e novas possibilidades de pertencimento.

Embora o discurso abertamente hostil à homossexualidade esteja evidente nos escritos autobiográficos de Gardner, não se pode afirmar que a tradição gardneriana como um todo tenha mantido uniformemente esse viés excludente. Com exceção do episódio descrito por Lois Bourne, mencionado anteriormente, é notável a ausência de condenações explícitas à homossexualidade nas obras disponíveis escritas por seus colaboradores, tanto aquelas de caráter biográfico quanto nos livros escritos explicitamente para educar os interessados sobre elementos essenciais da Wicca. Tampouco se encontra, fora do caso específico de Gardner, outra ocorrência da expressão *maldição da deusa* aplicada a relações homoeróticas. Isso, contudo, não significa que a presença de pessoas LGBTQIA+ nos covens iniciáticos tenha ocorrido sem atritos. As tensões em torno da sexualidade persistiram, mesmo que não formalizadas por escrito. Um dos primeiros registros de reflexão sobre esse tema dentro da Wicca tradicional pode ser encontrado na obra *The Witches' Way*, publicada em 1984 por Janet e Stewart Farrar, iniciados de Alex Sanders que migraram da Inglaterra para a Irlanda e se tornaram vozes influentes na popularização da Wicca. Posteriormente, essa obra

foi reunida a *Oito Sabás para Bruxas*, formando o compêndio conhecido como *A bíblia das bruxas*, publicado originalmente em 1996.

O capítulo quinze da obra é dedicado exclusivamente à discussão sobre a relação entre bruxaria e sexo, e traz inovações importantes no caráter da compreensão da noção de polaridades entre masculino e feminino para o sistema. Valendo-se de conceitos da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, os autores propõem que é central à Wicca a ideia de que “a polaridade sexual e o papel que o masculino e o feminino desempenham dentro da psique individual, nos relacionamentos interpessoais e no Cosmos como um todo” (Farrar e Farrar, 2017, p. 409). O capítulo também traz uma reflexão sobre como a cultura patriarcal contribuiu para estabelecer papéis estereotipados de gênero e moldar a relação entre homens e mulheres, dando a esta última uma posição de desvantagem e exploração por parte daquele. Entretanto, prossegue criticando a noção da rejeição de diferenças essenciais entre os sexos, e afirmam que “o estereótipo unissex pode ser tão perigoso e distorcido quanto os estereótipos patriarcais. *Existem* diferenças básicas entre a natureza masculina e feminina” (Farrar e Farrar, 2017, p. 415). Apresentam ambos como naturalmente complementares, com referências tanto ao *yin* e *yang* daoístas quanto à noção de ânima e ânimus junguiana.

Os autores reconhecem a legitimidade de covens exclusivamente femininos, destacando seus benefícios para as mulheres, mas rejeitam a ideia de covens exclusivamente masculinos, sugerindo que esses deveriam buscar outras ordens esotéricas (Farrar e Farrar, 2017, p. 425). Quanto aos covens gays, os Farrar preferem não se posicionar diretamente, temendo acusações de homofobia, embora ressaltem que têm amigos homossexuais e membros gays em seu coven. No entanto, afirmam que esses membros foram aceitos quando puderam assumir “o papel de seu gênero real” nos rituais, reiterando que sua concepção de Wicca é fundamentada na complementaridade entre masculino e feminino, entendidos como expressões naturais da mente, corpo e espírito. Reconhecem que não se

sentiriam à vontade em um coven gay, ainda que gostassem das pessoas envolvidas (Farrar e Farrar, 2017, p. 425-426).

A posição dos Farrar revela uma tentativa de neutralidade, sensível às críticas de homofobia, mas ainda presa a pressupostos heteronormativos. Ao reafirmar a necessidade de papéis ritualísticos binários e exigir a adaptação dos praticantes homossexuais à lógica cisgênera, delimitam os limites do aceitável na Wicca tradicional: a homossexualidade masculina é tolerada apenas se não desafiar a estrutura simbólica binária da prática ritual.

Essas declarações sinalizam que, enquanto na Europa a Wicca buscava preservar sua coerência simbólica através da ênfase na complementaridade sexual e na estrutura iniciática binária, outros contextos culturais estavam tomando caminhos diversos. A referência supracitada dos Farrar à existência de covens “gays” como um “fenômeno particularmente americano” já sugere uma percepção de divergência significativa entre as abordagens da Wicca na Europa e nos Estados Unidos. Como veremos mais adiante, o ambiente norte-americano, marcado por movimentos sociais de contestação e libertação, favoreceu o surgimento de releituras mais abertamente inclusivas e críticas aos paradigmas de gênero e sexualidade herdados da tradição gardneriana.

Antes de nos voltarmos aos Estados Unidos, entretanto, é preciso evidenciar o surgimento de discursos deliberadamente favoráveis à inclusão da comunidade LGBTQ+ na Wicca europeia. Em seus debates contemporâneos, observa-se uma mudança significativa no eixo das preocupações éticas e teológicas em relação à diversidade sexual e de gênero. Se anteriormente a presença de pessoas homossexuais nos covens era motivo de atrito ou desconfiança, como evidenciam algumas posturas citadas anteriormente, atualmente a discussão desloca-se para um patamar mais complexo: o da necessidade de reestruturar as práticas e os rituais tradicionais de modo a refletir a sacralidade de relações não heterossexuais e contemplar, de maneira afirmativa, a diversidade de gênero. Nesse contexto, destaca-se a atuação de Yvonne Aburrow, pessoa não binária iniciada na Wicca inglesa e responsável

pela formulação da proposta conhecida como *Inclusive Wicca*. Em seus textos, Aburrow (2014; 2018) argumenta que a polaridade mágica não deve estar presa a uma leitura essencialista dos sexos biológicos, mas sim ser entendida como um princípio relacional que pode se manifestar em múltiplas configurações, incluindo casais do mesmo gênero, pessoas transgênero, não binárias ou intersexo. Essa abordagem não apenas acolhe indivíduos LGBTQ+, como exige alterações conscientes nas linguagens rituais, nas formas de consagração e nas práticas devocionais, de modo que estas não apenas tolerem”, mas expressem simbolicamente a dignidade espiritual da pluralidade identitária (Floyd, 2016). O trabalho de Aburrow (2014; 2018) evidencia que, no cenário europeu atual, a questão já não é mais a aceitação da homossexualidade em si, mas a superação dos binarismos simbólicos herdados da tradição para que a Wicca possa continuar a ser uma religião viva, inclusiva e sensível às realidades contemporâneas.

Agora, podemos nos voltar às discussões paralelas que ocorriam nos Estados Unidos. Com a chegada da Wicca gardneriana por meio de Raymond e Rosemary Buckland na década de 1960, a tradição iniciática foi transplantada para um solo cultural profundamente distinto daquele europeu. Diferente da Inglaterra pós-vitoriana, os Estados Unidos viviam um momento de efervescência social marcado pela contracultura, o feminismo da segunda onda, o movimento pelos direitos civis, o ativismo homossexual e uma explosão de novos movimentos religiosos. Como demonstram Margot Adler (2006), Katlyn Nugent (2020) e Sabina Magliocco (2004), esse contexto ofereceu à Wicca não apenas novos praticantes, mas também novas formas de expressão, mais abertas à experimentação simbólica, à crítica das normas sociais e à valorização de experiências queer.

Nos Estados Unidos, o modelo gardneriano conviveu com vertentes que reformularam simbolicamente o corpo, o desejo e as divindades. A Tradição Feri, fundada por Victor e Cora Anderson, sacralizou o erotismo e a diversidade sexual, promovendo uma mitologia queer com deidades andróginas e

multigênero (Adler, 2006). Já a Wicca Diânica, de Zsuzsanna Budapest, criou espaços de empoderamento lésbico, mas também exclusões marcadas por uma lógica essencialista da deusa (Nugent, 2020). A Tradição Reclaiming, fundada por Starhawk, uniu espiritualidade, justiça social e inclusão queer, ressignificando o paradigma deus-deusa de forma fluida. Magliocco (2004) observa que rituais neopagãos nos EUA funcionam como laboratórios simbólicos, onde prazer, gênero e criatividade se entrelaçam na construção de uma religiosidade marcada por identidade e justiça.

Mesmo com o florescimento de formas mais plurais e experimentais de Wicca nos Estados Unidos, a Wicca gardneriana manteve-se, em linhas gerais, fiel ao seu sistema simbólico tradicional, especialmente no que tange à estrutura ritual baseada na polaridade entre homem e mulher. Essa rigidez simbólica, frequentemente sustentada como critério de ortopraxia ou de fidelidade à tradição por membros das linhagens iniciáticas, gerou diversos conflitos e impulsionou importantes dissidências ao longo da história do movimento (Adler, 2006). Um caso emblemático é o de Edmund (Eddie) Buczynski (1947–1989), jovem homossexual nova-iorquino iniciado na Wicca gardneriana na década de 1970. Buczynski enfrentou resistência dentro da tradição devido à sua sexualidade, sobretudo porque a iniciação gardneriana exigia a participação de um sacerdote e uma sacerdotisa, com papéis rigidamente definidos segundo o binarismo de gênero. Sua trajetória ilustra o conflito entre a ortopraxia gardneriana e as demandas por inclusão que caracterizavam o neopaganismo norte-americano.

Em resposta, Buczynski fundou a New York Wica, uma das primeiras tentativas de adaptar a Wicca tradicional à realidade e às necessidades da comunidade queer. Essa vertente subverteu a exigência de iniciação por gênero cruzado, permitindo que homens gays fossem iniciados por outros homens, sem a necessidade de uma sacerdotisa. Essa inovação ritualística desafiava diretamente a noção de que a polaridade de gênero era um elemento intocável da religiosidade wiccaniana, abrindo caminho para reinterpretações mais fluidas

e inclusivas. A ruptura definitiva de Buczynski com os modelos herdados da ortodoxia britânica levou-o, em 1977, a fundar a *Minoan Brotherhood*, uma tradição iniciática voltada exclusivamente a homens gays e bissexuais. A tradição preservou a estrutura litúrgica básica da Wicca gardneriana, mas realizou alterações significativas nas narrativas míticas que a fundamentavam, substituindo a ênfase na polaridade sexual entre homem e mulher por uma dinâmica centrada em elementos masculinos e na sacralização das relações homoeróticas. Sustentado pela argumentação de que a cultura minoica apresentava uma visão mais aberta e afirmativa da homoafetividade, Buczynski acreditava que essa seria a verdadeira base histórica para a antiga bruxaria europeia, e compreendeu o deus da vegetação que nasce e morre anualmente a partir de uma deusa mãe, em moldes frazerianos, como o patrono da homossexualidade masculina (Tully, 2018). A partir da *Minoan Brotherhood*, surgiu também sua variação feminina em 1978, a *Minoan Sisterhood*, estabelecida por suas amigas Carol Bulzone e Ria Farnham, voltada à sacralização da experiência homoerótica feminina na Wicca.

A dissidência protagonizada por Buczynski pode ser compreendida, à luz da tipologia weberiana, como expressão de uma nova modalidade de liderança carismática emergente em resposta à inadequação percebida entre o sistema simbólico tradicional e as demandas de inclusão de um novo grupo de adeptos. Enquanto Gerald Gardner estruturava sua tradição num ambiente cultural britânico ainda fortemente marcado pela repressão à homossexualidade, Buczynski emergiu como líder num contexto norte-americano profundamente transformado pelos movimentos de contracultura, pelos levantes de Stonewall e pela efervescência das lutas por direitos civis na década de 1970. É nesse cenário que sua autoridade se legitima, por sua capacidade de responder criativamente às tensões entre ortodoxia ritual e identidade queer. Max Weber (1999) propõe que a autoridade carismática se estabelece precisamente em momentos de crise ou desajuste institucional, fundando-se na percepção de qualidades extraordinárias num líder capaz de instaurar um novo ethos. Ao romper com a

exigência da polaridade de gênero na iniciação e fundar a *Minoan Brotherhood*, Buczynski desloca o eixo da legitimidade ritual do binarismo sexual para a experiência homoerótica, reformulando elementos centrais da Wicca gardneriana. Assim, seu gesto constitui uma reformulação carismática dissidente, em que o reconhecimento não depende mais da manutenção de papéis fixos de gênero, mas da partilha de um horizonte místico fundado na sacralização da experiência homoafetiva.

Ainda no contexto dos Estados Unidos, mesmo que dissidências como a de Buczynski tenham marcado tentativas de expandir os limites rituais e simbólicos da Wicca tradicional, é igualmente relevante observar os esforços realizados por vozes internas à própria tradição gardneriana para ressignificar seus fundamentos sem romper com sua estrutura iniciática. Um exemplo paradigmático desse movimento é a obra *Bending the Binary: Polarity Magic in a Nonbinary World* (2023), de Deborah Lipp, sacerdotisa com longa trajetória na Wicca gardneriana. O texto marca, como faz Aburrow na Europa, um deslocamento da discussão acerca da homossexualidade masculina para os debates mais atuais e amplos de identidade de gênero.

No livro, Lipp (2023) se apresenta como uma pessoa queer, o que é essencial para compreendermos a motivação e a autoridade da autora ao propor uma releitura da polaridade na Wicca tradicional. Lipp parte de sua vivência para propor uma atualização teológica e ritual, na qual a polaridade não se baseia mais exclusivamente em binarismos biológicos, mas em dinâmicas simbólicas, relacionais e energéticas que acolham uma ampla diversidade de expressões de gênero e sexualidade. Ao invés de rejeitar o sistema de polaridade de gênero entre homens e mulheres, um dos pilares do simbolismo ritual wiccaniano, Lipp propõe sua expansão conceitual. Seu ponto de partida é reconhecer que a polaridade tradicionalmente concebida em termos de masculino e feminino foi muitas vezes rigidamente vinculada a corpos sexoados e à heterossexualidade normativa, gerando exclusões simbólicas para pessoas trans, não binárias e casais homoafetivos. Contudo, argumenta a autora, a força da polaridade não reside em

um binarismo estático, mas na tensão dinâmica entre opostos complementares que podem se expressar de múltiplas maneiras: escuridão e luz, movimento e quietude, ação e receptividade, entre outras.

Essa releitura permite não apenas a inclusão prática de indivíduos historicamente marginalizados nos ritos tradicionais, mas também uma atualização teológica mais ampla que busca manter a coerência do sistema simbólico gardneriano ao mesmo tempo em que o torna habitável por uma diversidade maior de corpos, identidades e vivências. Diferentemente de Buczynski, que funda uma nova tradição ao perceber os limites da Wicca para abarcar a homoafetividade masculina, Lipp permanece dentro do campo da ortopraxia gardneriana, propondo uma fidelidade reformadora que não descarta os fundamentos simbólicos herdados, mas os interpreta à luz de novos marcos culturais e éticos.

Essa abordagem revela um outro tipo de carisma em atuação: não mais o carisma dissidente de uma liderança profética, como em Buczynski, mas o carisma hermenêutico, capaz de operar transformações por meio da releitura autorizada dos mitos e práticas existentes. A obra de Lipp sinaliza, assim a de Aburrow, que o campo wiccaniano contemporâneo não se divide apenas entre ortodoxos e dissidentes, mas também abriga zonas de criatividade simbólica no interior das próprias tradições iniciáticas. Seu trabalho aponta para um horizonte onde o simbolismo wiccaniano pode continuar a ser fértil, não apesar da diversidade de gênero e sexualidade de seus praticantes, mas justamente em virtude dela.

Enquanto Yvonne Aburrow propõe uma reelaboração prática da liturgia gardneriana, reformulando orações, scripts de rituais e instruções de consagração para contemplar explicitamente pessoas LGBTQ+ e superar a lógica binária, Deborah Lipp propõe uma releitura conceitual da polaridade, mantendo o simbolismo dos rituais tradicionais, mas reinterpretando seus fundamentos simbólicos e permitindo questionar o binarismo de homem e mulher. Essa distinção revela duas estratégias distintas de inclusão: uma que atua sobre o

corpo do rito (Aburrow), tornando-o mais explicitamente representativo da diversidade de gênero e sexualidade; e outra que atua sobre o corpo interpretativo (Lipp), oferecendo chaves hermenêuticas para que a ritualística existente possa ser habitada por múltiplas experiências sem ruptura formal. Ambas, contudo, apontam para uma teologia da diversidade em desenvolvimento.

Em suma, em ambos os lados do Atlântico, o percurso recente da Wicca iniciática revela não apenas a presença de conflitos em torno da sexualidade, mas também a emergência de soluções criativas e teologicamente consistentes que apontam para uma transformação mais ampla. Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, a pauta da homossexualidade, que em décadas anteriores mobilizava os principais atritos e dissidências, vem sendo progressivamente superada por discussões mais complexas e abrangentes sobre identidade de gênero, expressões não binárias e a inclusão plena da comunidade queer. Nesse novo horizonte, não se trata apenas de tolerar diferentes orientações sexuais, mas de reformular os próprios fundamentos simbólicos da religião (como a polaridade sexual) para que estes não apenas permitam, mas também afirmem e celebrem as múltiplas formas de ser e de amar.

Assim, figuras como Eddie Buczynski, Yvonne Aburrow e Deborah Lipp ilustram caminhos distintos, mas complementares, de atualização espiritual. Buczynski inaugura uma nova linhagem iniciática centrada na homoafetividade masculina, rompendo com a estrutura binária da tradição gardneriana. Aburrow promove uma transformação prática dos rituais da Wicca tradicional, propondo adaptações explícitas que tornem seus ritos mais acolhedores para pessoas queer. Já Lipp propõe uma estratégia hermenêutica de ressignificação simbólica, ampliando os sentidos da polaridade sem modificar a ritualística herdada, mas a atribuição de papéis cerimoniais distintos a gêneros específicos. Essas abordagens revelam que o campo wiccaniano contemporâneo não se divide apenas entre ortodoxos e dissidentes, mas abriga zonas de criatividade interna capazes de transformar a tradição sem romper com ela. A vitalidade da Wicca no

presente reside, justamente, nessa capacidade de integrar os corpos, afetos e identidades que antes foram marginalizados, tornando-se, assim, uma religião em contínua reinvenção.

Considerações Finais

As análises aqui desenvolvidas demonstram que a Wicca gardneriana, embora fundada sobre símbolos heteronormativos e binários, oferece margem para transformações internas que buscam responder às demandas contemporâneas por inclusão. A expressão “maldição da deusa”, resgatada criticamente ao longo do texto, exemplifica a tensão entre o discurso excludente original e a pluralização simbólica operada por gerações posteriores de praticantes.

Identificamos três principais estratégias de atualização dentro da tradição: (1) a dissidência, como no caso de Eddie Buczynski e sua *Minoan Brotherhood*, que rompe com a estrutura binária original ao criar uma linhagem homoerótica própria; (2) a reinterpretação hermenêutica, representada por Deborah Lipp, que propõe uma releitura conceitual da polaridade sem romper com a liturgia gardneriana; e (3) a reforma litúrgica, exemplificada por Yvonne Aburrow e a *Inclusive Wicca*, que altera diretamente os rituais e textos para contemplar a diversidade de gênero e sexualidade, sem um rompimento institucional formal.

Essas três abordagens revelam que o campo wiccaniano contemporâneo abriga múltiplas formas de carisma (fundacional, pedagógico e pastoral) e que a vitalidade da tradição reside em sua capacidade de acolher novos sentidos e corpos sem perder sua matriz iniciática. Mais do que uma ruptura com o passado, o que se observa é um processo contínuo de reinterpretação simbólica, em que a fidelidade à linhagem se combina com uma ética do acolhimento. Assim, a Wicca inglesa mostra-se não como um sistema fixo, mas como uma religião viva, moldada por disputas internas, criatividade ritual e abertura à diversidade.

REFERÊNCIAS

- ABURROW, Yvonne. *All acts of love and pleasure: inclusive Wicca*. Londres: Avalonia, 2014.
- ABURROW, Yvonne. *Polarity, gender and fertility*. Dowsing for Divinity, [S. l.], 1 jan. 2018. Disponível em: <https://dowsingfordivinity.com/2018/01/01/polarity-gender-and-fertility/>. Acesso em: 29-jul-2025.
- ADLER, Margot. *Drawing down the moon: witches, druids, goddess-worshippers and other pagans in America*. Nova Iorque: Penguin Books, 2006.
- BOURNE, Lois. *Dançando com feiticeiras*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CROMPTON, Louis. *Homosexuality and civilization*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- ENBERG, Jessica. *Divinely masculine: neopaganism and gender identity in contemporary wicca*. Fort Collins, 2010, 103f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Department of Anthropology, Colorado State University. Disponível em: <https://core.ac.uk/outputs/354386728/>. Acesso em: 02 jun. 2025.
- FARRAR, Janet; FARRAR, Stewart. *A bíblia das bruxas: manual completo para a prática da bruxaria*. São Paulo: Alfabeto, 2017.
- FLOYD, Carly. *Mother goddesses and subversive witches: competing narratives of gender essentialism, heteronormativity, feminism, and queerness in wiccan theology and ritual*. Honors Projects. 56. Disponível em: https://digitalcommons.iwu.edu/socanth_honproj/56. Acesso em: 02 jun. 2025.
- GARDNER, Gerald. *A bruxaria hoje*. São Paulo: Madras, 2003.
- GARDNER, Gerald. *O significado da bruxaria*. São Paulo: Madras, 2004.
- HANEGRAAFF, Wouter. *New age religion and Western culture: esotericism in the mirror of secular thought*. Leiden: Brill, 1996.
- HEDENBORG-WHITE, Manon; BÅRDSSEN TOLLEFSEN, Inga. (2014). Introduction: gender in contemporary paganism and esotericism. *Pomegranate*, v. 15 n. 1-2, p. 7-11, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1558/pome.v15i1-2.7>. Acesso em: 02 jun. 2025.
- HUTTON, R. *The triumph of the moon: a history of modern pagan witchcraft, new edition*. Oxford: Oxford University Press, 2019. E-book.
- JONES, Evan John; VALIENTE, Doreen. *Feitiçaria: a tradição renovada*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992

KRAEMER, Christine Hoff. Gender and sexuality in contemporary paganism. *Religion Compass*, v. 6, p. 390-401. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1749-8171.2012.00367.x>. Acesso em: 02 jun. 2025.

LAMOND, Frederic. *Fifty years of Wicca*. Long Barn: Green Magic, 2004.

LIPP, Deborah. *Bending the binary: polarity magic in a nonbinary world*. Woodbury: Llewellyn Publications, 2023.

MAGLIOCCO, Sabina. Neopaganism. In: HAMMER, Olav; ROTHSTEIN, Mikael (Orgs). *The Cambridge companion to new religious movements*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2012. p. 150-166.

MAGLIOCCO, Sabina. *Witching culture: folklore and neo-paganism in America*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004. E-book.

MOTT, Luiz. Anti-homossexualidade: a gênese da homofobia. *Revista de Estudos de Cultura*, São Cristóvão, v. 1, n. 02, p. 15-32, 2015.

NORTON, Rictor. *The myth of the modern homosexual: queer history and the search for cultural unity*. Londres: Cassell, 1997.

NUGENT, Katlyn. *A religion without dogma: discursive constructions of sex and gender in north american neopagan witchcraft and their impact on feminism and the LGBTQ+ community*. Honours Thesis (Bachelor of Arts in History) – Department of History, University of Victoria, Victoria, BC, Canada, 2020. Disponível em: <https://www.uvic.ca/humanities/history/assets/docs/katlyn-nugent---honours-thesis-2020---final.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2025.

ROCHA, Emmanuel Ramalho de Sá; OLIVEIRA, Elton Bruno Amaral. Influências dos estudos queer no paganismo contemporâneo. *Revista Gênero & Direito*, João Pessoa, v. 1, p. 114-123, 2014.

SEIMS, Melissa. *Here be magick: the people and practices of the coven of atho*. Leicestershire: Thoth Publications, 2022.

TERZETTI FILHO, C. *Um bruxo e seu tempo: as obras de Gerald Gardner como expressões contraculturais*. 2012. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

TULLY, C. J. The artifice of Daidalos: modern minoica as religious focus in contemporary paganism. In: BURNS, Dylan Michael; RENGER, Almut-Barbara. *New Antiquities: transformations of the past in the New Age and beyond*. Equinox Publishing. 2018. p. 76-102.

URBAN, Hugh. The goddess and the great rite: hindu tantra and the complex origins of modern Wicca. In: URBAN, Hugh. *Magic and witchery in the modern west: celebrating the twentieth anniversary of 'the triumph of the moon'* (Palgrave Historical Studies in Witchcraft and Magic). Londres: Palgrave Macmillan, 2019. p. 21-43.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. v. 1.

WEEKS, Jeffrey. *Sex, politics and society: the regulation of sexuality since 1800*. Londres: Routledge, 2012.